

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES-PROFARTES

**ABEL LOPES PEREIRA**

**REVITALIZANDO A CENA DO CENTRO HISTÓRICO: PROCESSO  
DE CRIAÇÃO CÊNICA**

SÃO LUÍS – MA  
2018

**ABEL LOPES PEREIRA**

**REVITALIZANDO A CENA DO CENTRO HISTÓRICO: PROCESSO  
DE CRIAÇÃO CÊNICA**

Artigo apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Artes (PROFARTES) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), como requisito para obtenção do grau de Mestre em Artes. Área de concentração: Ensino de Artes. Linha de Pesquisa: Processos de ensino, aprendizagem e criação em artes.

Orientador: Prof. Dr. Tácito Freire Borralho

SÃO LUÍS – MA

2018

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Lopes Pereira, Abel.

REVITALIZANDO A CENA DO CENTRO HISTÓRICO: PROCESSO DE  
CRIAÇÃO CÊNICA / Abel Lopes Pereira. - 2018.

49 p.

Orientador(a): Prof. Dr. Tácito Freire Borralho.

Programa de Pós-graduação em Rede - Prof-artes em Rede  
Nacional/cch, Universidade Federal do Maranhão, Sala  
Casemiro Coco CCH-UFMA, 2018.

1. Centro Histórico.
  2. Criação.
  3. Fazer artístico.
  4. Micro Cenas.
  5. Teatro.
- I. Freire Borralho, Prof.  
Dr. Tácito. II. Título.

**ABEL LOPES PEREIRA**

**REVITALIZANDO A CENA DO CENTRO HISTÓRICO: PROCESSO  
DE CRIAÇÃO CÊNICA**

Artigo apresentado para exame de conclusão de curso do Programa de Pós-Graduação em Artes - PROFARTES da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Artes. Área de concentração: Ensino de Artes.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Tácito Freire Borralho – Orientador/Presidente  
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

---

Prof.<sup>a</sup>. Dra. Gisele Soares de Vasconcelos - Examinador Interno  
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

---

Prof. Dr. Plínio Santos Fontenelle - Examinador Externo  
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

---

Prof.<sup>a</sup>. Dra. Tania Cristina Costa Ribeiro - Examinador Suplente  
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

## RESUMO

Em decorrência da experiência acumulada pela Companhia Oficina de Teatro- COTEATRO ao longo de seus 28 anos de funcionamento realizou-se em seu espaço físico localizado no bairro da Praia Grande centro de São Luís- Maranhão o projeto *Revitalizando a Cena do Centro Histórico*. Assim, o jogo e a improvisação cênica, capazes de proporcionar a produção de uma criação dramática efetiva, foram os meios utilizados nesta análise, como caminhos de uma prática profícua nesse modelo de ensino do teatro. Os participantes foram conduzidos como sujeitos no processo de ensino, a partir do desenvolvimento das atividades realizadas, utilizando o método da pesquisa descritiva com o estudo e análise do registro, dessas atividades, em um ambiente de educação não-formal. Os integrantes foram estimulados a atuar por meio, das ações desenvolvidas. Os elementos da linguagem teatral foram apreendidos progressivamente, pelos os exercícios conduzidos por um instrutor. Isso permitiu uma vivência de ampla experimentação do fazer artístico, conduzida de forma a acontecer não apenas em níveis pedagógicos, mas principalmente como uma atividade que resultou em um aprendizado estético concreto na criação e apresentação de micro cenas.

**Palavras-chaves:** Teatro. Micro Cenas. Criação. Fazer artístico. Centro Histórico.

## ABSTRACT

As a result of the experience accumulated by the Company Theater Workshop - COTEATRO during its 28 years of operation, the project Revitalizing the Scene of the Historical Center was held in its physical space located in the neighborhood of Praia Grande center of São Luís Maranhão. Thus, play and improvisational drama, capable of producing the production of an effective dramatic creation, were the means used in this analysis, as ways of a profitable practice in this model of theater teaching. Participants were led as subjects in the teaching process, from the development of the activities performed, using the descriptive research method with the study and analysis of the registry of these activities, in a non-formal education environment. The members were encouraged to act through the actions developed. The elements of theatrical language were apprehended progressively by the exercises conducted by an instructor. This allowed for an experiment of ample experimentation of the artistic making, conducted in a way that happened not only in pedagogical levels, but mainly as an activity that resulted in concrete aesthetic learning in the creation and presentation of micro scenes.

**Keywords:** Theater. Micro Scenes. Creation. Make artistic. Historic center.

## REVITALIZANDO A CENA DO CENTRO HISTÓRICO: PROCESSO DE CRIAÇÃO CÊNICA

Abel Lopes Pereira<sup>1</sup>

### **INTRODUÇÃO**

Como professor licenciado em teatro e sócio efetivo da Companhia Oficina de Teatro-(COTEATRO)<sup>2</sup>, cabe-me refletir que esta, se estabelece como um espaço importante para o desenvolvimento da arte cênica no Maranhão, através dos inúmeros cursos oferecidos a comunidade. É um espaço de educação não-formal de extrema importância para cidade, fato esse que gerou a principal escola técnica de Teatro do estado do Maranhão que é o Centro de Artes Cênicas do Maranhão (CACEM), que nasceu a partir do curso livre de formação de atores da referida entidade. A COTEATRO oferece ao longo do tempo cursos livres e oficinas de teatro para iniciantes de várias faixas etárias, a partir de um núcleo pedagógico, que desenvolve os aspectos artísticos e estéticos que são característicos do grupo.

Participando ativamente do núcleo pedagógico da referida companhia fui despertado a observar a quantidade de crianças e adolescentes em momentos ociosos, perambulando pelo espaço urbano do Centro Histórico que envolve Praia Grande, Desterro e Portinho, aparentando não darem a menor atenção e valor a esse espaço. Na faixa etária de interesse do projeto (entre 10 a 17 anos) que, por abordagem fomos informados que a maioria não possui um lar muito estruturado, que vão à escola em um período e no outro não dispõem de uma outra atenção social qualquer.

Além do que suas participações em atividades culturais se mostraram dispersas, sem uma continuidade ou envolvimento efetivo. Isso me instigou pensar em uma atividade teatral

<sup>1</sup> Mestrando em Artes pelo PROFARTES (UDESC/UFMA), iluminotécnico, bonequeiro. Licenciado em Teatro pela universidade Federal do Maranhão- UFMA e ator com formação técnica (CACEM).

<sup>2</sup> A COTEATRO foi fundada em agosto de 1989 e tem como principal propósito pesquisar e encenar os autores responsáveis pelo desenvolvimento da arte teatral, pretendendo formar plateias capazes de fruir da dramaturgia clássica à contemporânea, conhecendo os gêneros teatrais através das obras desses autores, principalmente os mais significativos. Com essas ações, a companhia aspira popularizar a ação teatral, criando um suporte para o entendimento e fomentação do teatro que é produzido no Nordeste.

Com experiência de encenação de clássicos universais, nordestinos e maranhenses, sempre numa atitude de montagens ousadas e contemporâneas, faz com que a COTEATRO tenha investido em trabalhos de autores como: Sófocles, Coelho Neto, Luís Marinho, Tácito Borralho, Aldo Leite, Ariano Suassuna, Altímir Pimentel, entre outros, incluindo aí alguns exercícios públicos, releituras, montagens com fins pedagógicos etc. Disponível em: <<http://coteatro.blogspot.com/2014/07/historico-da-coteatro-espetaculos.html>>. Acesso em: 28 de maio de 2018.

implicando o ensino de teatro voltado, para a valorização das suas vivências, utilizando as suas próprias experiências. Optei por iniciar esse trabalho a partir de jogos, estimulado em processos nos quais os participantes pudessem desenvolver a sua imaginação e criatividade, o que lhes permitiria assim, que se tornassem agentes da construção de seus conhecimentos teatrais, fazendo-os envolver-se com a realidade do espaço urbano em que habitam. Tal descoberta me estimulou a elaborar uma proposta de trabalho que viesse atender a necessidade de reverter o quadro descrito anteriormente.

O problema que se apresentou foi descobrir como criar mecanismos de observação da evolução do aprendizado de crianças e adolescentes, a partir da aplicação das técnicas de improvisação e do jogo teatral<sup>3</sup>, capazes de gerar um conhecimento estético com resultados cênicos concretos.

Para tanto utilizei o método da pesquisa descritiva com o estudo e análise do registro, das atividades realizadas, utilizando-se da técnica que corresponde às ações do pesquisador participante, através da experimentação dos diversos elementos do teatro e nas relações estabelecidas entre ator/ator (neste caso, entre colegas) e entre ator/espectador, por meio do jogo, em processos criativos, utilizando então como ferramentas elementos do jogo teatral e da improvisação cênica, auxiliares dos caminhos de uma prática eficaz para o ensino do teatro, principalmente em ambientes de educação não-formal, baseado na participação ativa dos alunos.

O projeto *Revitalizando a Cena do Centro Histórico*: foi desenvolvido desde o segundo semestre de 2014 até dezembro de 2017, na sede da COTEATRO, com o objetivo de possibilitar aos envolvidos uma prática com a linguagem cênica, no intuito de permitir aos mesmos uma vivência estética como motivadora para a experiência de um outro olhar sobre o Patrimônio Histórico a partir do teatro por meio da utilização da improvisação e do jogo teatral, aliados às vivências cotidianas de cada participante, para a construção de micro cenas que deverão contribuir com a informação da história do patrimônio ludovicense para cidadãos transeuntes e turistas que frequentam o Centro Histórico.

Portanto desenvolvi o projeto em pauta com um grupo de crianças e adolescentes do Centro Histórico de São Luís, Maranhão, incrementando ações educativas, com a finalidade de acompanhar o desenvolvimento do aprendizado desses participantes.

Esse trabalho se conceitua a partir da pretensão de provocar uma experiência estética onde se possa relacionar o teatro e sua existência prática na esfera urbana, ou seja, a relação

---

<sup>3</sup> O termo “jogo teatral” é usado aqui na acepção da própria atividade teatral, não no sentido de uma técnica específica, mas de todas as técnicas que estabelece a situação teatral. (PAVIS, 1999, p.219).

do teatro com a cidade onde ele é vivido e ao mesmo tempo provocar um envolvimento de conhecimento e valorização desse Patrimônio Arquitetônico e Paisagístico e que geralmente são os lugares centrais das cidades históricas.

A proposta metodológica do trabalho implica no desenvolvimento da tríade: 1 Nucleação; 2 Preparação; 3 Trabalho de campo e construção de micro cenas; que cominaram na prática com a linguagem artística.

Isso se inicia com o desenvolvimento de atividades lúdicas, com o objetivo de facilitar a interação e aproximar os participantes, estreitar as relações pessoais e criar um ambiente propício ao processo criativo. Tais atividades proporcionaram de alguma forma aos integrantes a capacidade de atuar cenicamente, por meio da aquisição dos conhecimentos adquiridos, com base nas improvisações que serviram de instrumentos de preparação para construção de micro cenas:

- 1 Utilização de situações vivenciadas pelos próprios participantes.
- 2 Nessas circunstâncias as situações descritas foram transformadas em cenas, e as cenas eram trabalhadas sem a utilização da voz.
- 3 Através de conversas que antecedia o desenvolvimento prático das aulas, a realização de um diálogo que fez parte de todo o processo de execução do projeto até a construção experimental e redação das micro cenas.
- 4 Buscando-se no cotidiano dos envolvidos e na descoberta de figuras históricas, elementos que pudessem causar uma reflexão e consequentemente, produzir conhecimento de esquema para a definição de roteiro dramatúrgico.

Aqui eu recorro ao pensamento de Paulo Freire (2011), quando ele diz que o conhecimento do estudante está aliado ao meio no qual ele está inserido. Esse conhecimento busca uma aprendizagem comunitária, onde um aprende com o outro. Quando o conhecimento se relaciona com o meio no qual o educando está inserido, o conhecimento pode acontecer de maneira mais dialógica, podendo se tornar mais acessível ao educando. A pedagogia Freiriana, deixa claro que existem diversas relações para que o ensino-aprendizagem possa acontecer. Uma delas relaciona o educando com o seu contexto social e o seu cotidiano. Com isso, esse processo permitiu aos participantes compreender os elementos da atuação, e a oportunidade de se expressar cenicamente apoiado na sua realidade.

## **1º MOMENTO - NUCLEAÇÃO**

A companhia Oficina de Teatro-COTEATRO, por se localizar no Centro Histórico e percebendo a necessidade de oferecer à comunidade a oportunidade de um ensino voltado

para o fazer artístico, desenvolveu o projeto Revitalizando a Cena do Centro Histórico que se deu a partir de oficinas de iniciação teatral, para um público alvo de crianças e adolescentes residentes daquela localidade, com o objetivo de realizar um entendimento das suas experiências próprias, vivenciadas no espaço urbano, correspondente ao Centro Histórico de São Luís, e das histórias de vida de personagens que existiram no passado, em alguns dos prédios identificados como cenários dessas histórias e que são de importância sócio cultural para a cidade.

Esse processo contou para divulgação e inscrição dos interessados com a parceria das instituições: União de Moradores do Centro Histórico, Grêmio Recreativo Escola de Samba Flor do Samba, Sindicado das Profissionais do Sexo, Escola de Música do Bom Menino que cedeu o espaço para a realização do processo de seleção, realizado a partir do preenchimento de ficha de inscrição e verificação das manifestações de interesse de cada candidato, que foi realizado por meio de uma pequena apresentação, à escolha de cada um, sendo uma improvisação ou canto de uma música. Com isso se avaliavam as disponibilidades do corpo e da voz de cada participante interessado, para o trabalho que se proponha.

Participaram da seleção um total de vinte oito candidatos, ficando dezoito selecionados (sendo onze crianças e sete adolescentes, num total de dez mulheres e oito homens) que se destacaram no processo de verificação das manifestações de interesse e os demais ficaram como cadastro de reserva, foi informado que se houvesse desistência entraríamos em contato com os pais. Com os pais dos dezoito selecionados foi realizado uma reunião para explicar mais detalhadamente os objetivos do projeto e nesse dia assinaram a confirmação de participação se responsabilizando na autorização e garantia de acompanhamento dos mesmos.

## **2º MOMENTO - PREPARAÇÃO**

As ações do projeto aconteceram semanalmente aos sábados com três horas de duração e tiveram início com a instalação das oficinas, que se desenvolveram a partir dos trabalhos que implicavam na proposição de proporcionar o entendimento da necessidade de ser realizado um pré-aquecimento. Essas ações duravam entre quinze e vinte minutos de atividade, onde se destacava a eficácia do aquecimento como base para o desenvolvimento de qualquer tipo de atividade que o corpo seja o condutor principal das execuções das ações de qualquer trabalho prático.

Tendo consciência que este grupo de participante por habitar num espaço tão propício para as brincadeiras e dialogando com a filosofia de Huizinga (2000), que reflete sobre o jogo como elemento fundamental para a sobrevivência do ser humano, pois, segundo ele,

o jogo estava presente nas atividades arquetípicas, desde início da sociedade humana. Os povos primitivos transformavam em jogo a celebração de seus espíritos, relacionando nesses cultos a brincadeira e a seriedade, a representação e o misticismo. Da mesma maneira que o jogo atuava nas sociedades mais antigas, ele também atua de inúmeras formas na sociedade contemporânea. (HUIZINGA 2000, p.07).

Essa reflexão me incitou a realizar uma experiência a partir da ludicidade na tentativa de aliar as experiências das brincadeiras de ruas com os propósitos de realizar um pré-aquecimento que denominei de pré-aquecimento lúdico, para diferenciar de um aquecimento técnico, que implicaria em atividades mecânicas de alongamentos e exercícios de força.

A partir da sugestão dos participantes foram selecionados quatros jogos da lúdica infantil popular tradicional: Quatro-cantos; chicotinho queimado (corre-corre na coxia); pegador (cola-descola); roda, Seu Joaquim (barata na careca do vovô).

O jogo de aquecimento escolhido para o início da atividade foi o “Quatro cantos”, geralmente esse jogo é desenvolvido com grupos de cinco de pessoas, onde cada participante ocupa um canto determinado formando um quadrado e uma pessoa denominado peão ocupa o centro, mas podendo ser adaptado de acordo com o número de participantes. A turma de dezoito participantes foi dividido em três grupos de seis, a instrução foi passada aos participantes e os mesmos foram se organizando de acordo com os comandos do instrutor. O jogo acontece com deslocamentos laterais ou diagonais, sendo que o peão fica livre para fazer qualquer deslocamento e ocupar os espaços vazios do quadrado. O jogo foi se desenvolvendo e os participantes foram adquirindo uma maior consciência do espaço de jogo, a relação entre os jogadores foi-se fortalecendo através do olhar e o jogo foi ganhando fluidez e uma dinâmica que implica em não falar e em uma comunicação interocular e na liberação do riso solto. Ficou nítida a compreensão dos participantes a partir do entendimento da concentração, da destreza e na agilidade do deslocamento preciso, reocupando os espaços que por ventura se esvaziaram sem serem preenchido pelo peão.

Com a finalização do desenvolvimento do jogo, em que seguindo as regras, a concentração e a interação alcança um nível satisfatório e o principal objetivo é atingido, que era o de aquecer, foi dado o comando de caminharem pelo espaço. O foco agora era permitir aos participantes uma relação com o espaço, por meio do “exercício caminhada pelo espaço”

fundada nas experiências adquiridas com minha prática na execução de exercícios de Viola Spolin. Os participantes foram orientados a perceberem esse espaço, com momentos de caminhada rápida, caminhada devagar e em determinado momento o instrutor fazia um sinal com um bastão e os participantes tinham que ficar em modo estático. Nesse momento pedia-se que observassem a disposição e a sua colocação nesse espaço e se a distribuição espacial estava harmônica. Os comandos sempre eram no intuito de permitir aos participantes uma consciência do espaço, porque se faz teatro é experimentando e só a prática que pode possibilitar aos participantes essa experiência. Após isso, ao comando de relaxamento, era facultado ao grupo a escolha de um espaço da sala para os participantes deitarem e após alguns minutos de relaxamento, em círculo, procedia-se um bate-papo para a discussão de como cada um usufruiu do jogo.

Os outros jogos utilizados constavam de brincadeiras com praticamente a mesma dinâmica excetuando-se a brincadeira de roda, “seu Joaquim” que implica na execução dançada da cantiga de roda tradicional “eu vi uma barata na careca do vovô”, que era executada de forma ralentada, em princípio e de forma acelerada progressivamente. Ao findar, dava o mesmo procedimento de relaxamento e roda de bate-papo.

Ao concluir o processo de pré-aquecimento e relaxamento o grupo era colocado em círculo, e se desenvolvia um bate-papo sobre os acontecimentos que mais marcaram a semana, nesse bate-papo conversavam sobre tudo, fazíamos um panorama da semana, o que aconteceu de mais marcante em casa, na rua ou na escola, daí brotavam inúmeras situações como: assalto, acidente de trânsito, colega que passa mal na escola, a mãe que é rígida, paquera etc.

Após as situações que eram expostas, o instrutor instigava-os a falar mais detalhes das mesmas. A partir de um certo tempo, o instrutor pedia para o grupo escolher o que mais tinha chamado a atenção dentre as situações apresentadas. Após a escolha, o grupo era dividido em subgrupos de quatro ou cinco participantes, dependendo da quantidade dos presentes. A esses subgrupos era determinado um tempo para preparar uma improvisação de cenas baseadas no tema escolhido durante o bate-papo. A princípio o exercício seguia as regras e a estrutura da metodologia desenvolvida por Viola Spolin (2010). Essas regras incluem a estrutura dramática, Onde / Quem / O que; o foco; o acordo de grupo; as instruções e a avaliação. O *onde* diz respeito ao ambiente, trazendo a noção de localização espacial; o *quem* é o personagem ou os personagens e os seus relacionamentos, proporcionando ao jogador ou aos

jogadores a relação com os eventos cotidianos; e o *que* é a ação, ou seja, as interações do jogador ou jogadores e os objetivos a serem desenvolvidos.

Com esses exercícios observou-se a prática da observação do cotidiano como matéria fundamental para o desenvolvimento de jogos de improvisação facilitando os exercícios de abstração da realidade concreta trabalhando a metáfora na busca de um processo de fabulação das suas experiências cotidianas. Para Taís Ferreira (2012) as improvisações se definem em:

Por contar com a resolução de problemas cênicos por um ator-jogador ou por um grupo de atores-jogadores, quase que em tempo real, no ato mesmo da cena, por meio da ação e das propostas de todos os jogadores dentro das regras estabelecidas. (FERREIRA, 2012, p.28).

Ainda segundo Ferreira, as improvisações podem resultar em um produto cênico, passível de ser trabalhado, organizado e reproduzido pelo grupo de participantes. A improvisação tem diversas técnicas e métodos, que são utilizados por grupos do Brasil e do mundo inteiro para construção de espetáculos teatrais. Em termos históricos podem-se destacar algumas estéticas e gêneros específicos, como a *Commedia Dell'arte*, que tinha como base do espetáculo a improvisação dos atores.

Sobre isso Sandra Chacra reflete que:

A forma teatral é o resultado de um processo voluntário e premeditado de criação, onde a espontaneidade e o intuitivo também exercem um papel de importância. A esse processo podemos chamar de improvisação, como algo inesperado ou acabado, que vai surgindo no decorrer da criação artística, aquilo que se manifesta durante os ensaios para se chegar à criação acabada. Com a conjunção do espontâneo e do intencional, o improviso vai tomado forma para alcançar o modelo desejado, passando a ser traduzido numa forma inteligível e esteticamente fruível (CHACRA, 2005, p. 14).

Esses exercícios de improvisações além de proporcionar um desenho das possibilidades de uma encenação, puderam facilitar o contato e compreensão dos elementos da linguagem teatral tais como: deslocamento cênico; projeção vocal; interação entre atores/jogadores e os diálogos que se estabelecem durante as improvisações.

Observa-se atualmente que o corpo a corpo de uma brincadeira, o toque, o olhar no olho do outro é praticamente inexistente. É notório que o papel da educação é formar indivíduos críticos, criativos, mas a criança e o adolescente se encontram dentro de um contexto tanto familiar quanto escolar que não permite e não possibilita o desenvolvimento de tais habilidades. Diante dessa inércia o jogo se torna um elemento indispensável a uma prática de aprendizagem que é significativa aos participantes, possibilitando experiências concretas, através de vivências que a espontaneidade possa permitir, com sentimentos de afetividade e

companheirismo. Nesse sentido, Vânia Dohme se referindo ao ambiente estritamente escolar descreve que.

As atividades lúdicas podem colocar o aluno em diversas situações, onde ele pesquisa e experimenta, fazendo com que ele conheça suas habilidades e limitações, que exerçite o diálogo, liderança seja solicitada ao exercício de valores ético e muitos outros desafios que permitirão vivências capazes de construir conhecimentos e atitudes. (DOHME, 2003, p. 113).

Dando sequência, na segunda etapa das atividades do projeto e na expectativa de uma conscientização corporal e vocal dos participantes para uma futura encenação, chegou-se a conclusão da necessidade da aplicação de jogos que implicam no desenvolvimento da descoberta da corporeidade em relação à atuação.

Partindo das ideias de Jacques Lecoq a máscara neutra possibilita ao atuante uma maior consciência do gestual corporal. Isso se dar a partir da busca da interiorização de emoções e sentimentos alcançadas pelo natural condicionamento da máscara neutra que proporciona uma espécie de silenciamento. Compartilhando das ideias de (LECOQ 2010. p. 60) “começamos pelo o silêncio, pois a palavra ignora, na maioria das vezes, as raízes de onde saiu, e é desejável que, desde o princípio, os alunos se coloquem no âmbito da ingenuidade, da inocência e da curiosidade”.

Isso nos proporcionou a descoberta do gestual falante que implica no diálogo e na interação, na atuação por gesto após a composição de uma personagem. Por exemplo executou-se o jogo a seguir: Foram distribuídas aos participantes máscaras neutras confeccionadas anteriormente, sem abranger a todos. Foi solicitado, para quem estivesse com a máscara ao lado, vesti-la devidamente, levando o rosto até a mesma. Estabeleceu-se dois grupos, um com máscara e um sem máscara. Em seguida foi determinado que eles se postassem em lados distintos da sala. Estabeleceu-se uma relação de atuante e espectador, sem nenhuma intervenção do instrutor. Os que estavam com máscara, começaram a executar ações extra cotidianas. O processo começou se desenvolver individualmente com movimentos zoomórficos e alguns começaram a interagir entre si. Ao comando do instrutor o grupo iniciou uma cena que se tratava de uma reunião dos animais sobre a destruição da floresta. Após esse comando os participantes começaram a tomar a posição com posturas de animais mais definidas, aí os personagens foram ficando mais evidentes: leão, girafa, onça etc. Após a conclusão da cena o instrutor pediu que inverter-se os grupos e quem estava assistindo executou o mesmo processo do grupo anterior.

Nessa etapa do trabalho, as atividades práticas e em grupos proporcionou aos integrantes o entendimento da importância da participação e do envolvimento de todos, pois o teatro na sua essência é uma atividade coletiva. O processo de construção das improvisações possibilitou esse entendimento e fortaleceu as relações. Ao término da apresentação de cada grupo se fazia uma avaliação e esse processo foi muito importante no decorrer de todo o trabalho, ou seja, começaram a perceber aquilo que precisava ser melhorado em cada exercício, dessa maneira o conhecimento foi se construindo coletivamente.

A prática permitiu aos participantes uma evolução significativa, para o entendimento do trabalho cênico a medida que os mesmos foram ressignificando suas experiências cotidianas.

Com a execução dos jogos de improvisação, partindo da disposição espacial em que um grupo apresenta e outro assiste, os alunos começaram a desenvolver as suas possibilidades corporais e os elementos básicos da fala como articulação, pronúncia, projeção e inflexão vocal para a atuação cênica foram se consolidando, e isso proporcionou aos mesmos um maior domínio do conteúdo das cenas. Dessa forma os elementos da encenação (cenário, adereços, figurinos, sonoplastia, iluminação etc) começaram a ganhar significados e a tríade que caracteriza a representação cênica essencial do fazer teatral: Atuante, Personagem e Plateia também começa a ser percebida e compreendida.

Portanto deu-se continuidade a essa prática por mais alguns encontros na preparação dos atuantes.

Verificou-se ao concluir-se essa etapa de preparação e conscientização corporal dos participantes em busca das possibilidades de encenação, partiu-se a etapa que priorizava a busca de elementos para a construção de cenas teatrais.

### **3º MOMENTO – TRABALHO DE CAMPO E CONSTRUÇÃO DE MICRO CENAS**

No processo a seguir alcançamos o terceiro momento englobando o trabalho de campo que só iniciou quando o grupo de participantes tomou consciência de que, a partir do diálogo com suas vivências, necessitava conhecer melhor o ambiente geral onde habita.

Iniciando com uma coleta de relatos que implicou na escuta e registro de depoimentos de habitantes mais antigos do Centro Histórico, instigando-lhes a curiosidade de conhecer as histórias e causos relacionados com o casario colonial e outros logradouros daquele espaço urbano.

Dentre as pessoas mais acessíveis e disponíveis que se propuseram a contar alguma coisa sobre o espaço do centro histórico foram: dona Maria de Jesus presidente do sindicato das profissionais do sexo, seu Zezão serralheiro da Rua direita ou Henrique, antiga Rua da Cebola e da Batata, alfaiate (sem identificação registrada) na Rua Humberto de Campos e o gráfico seu Francisco (chico) da Rua direita após a esquina do jornal Pequeno.

Por conta disso, em seguida procedeu-se a visitação aos museus e bibliotecas existentes naquela área, como as do: Centro de Criatividade Odilo Costa Filho, Arquivo Público, Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho, Acervo Bibliográfico da CTEATRO e visita na casa da pesquisadora Mundinha Araújo que forneceu informações bastante elucidativas sobre Catarina Mina.

O processo de coleta de informações foi executado em seis encontros, visitando um de cada vez, os espaços citados. Durante a pesquisa encontramos um material intitulado *Passeio a pé pelo Centro Histórico de São Luís*, do ano de 1996, que foi desenvolvido pelo Plano de Turismo Cultural e Projeto de Desenvolvimento do Turismo no Estado do Maranhão, da Secretaria de Estado da Cultura do Maranhão<sup>4</sup> (SECMA) e publicado pelo Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE). Esse material é uma cartilha que contém dados como: roteiro das ruas, localização, histórico e dados tipológicos de casarões e de logradouros do Centro Histórico. De posse desse material o grupo com a coordenação do instrutor começou a traçar um plano de busca de maiores informações históricas e a definir os casarões de interesse para compor o roteiro de apresentação das micro cenas.

Com o estudo desse material, os participantes ficaram de fato interessados com a história dos casarões e da riqueza de detalhes que a cartilha proporcionou, pois fornecia entre outras, informações sobre os materiais que compunham a construção dos mesmos. As datas e o histórico dos casarões e dos logradouros, praças e escadarias, chamaram muito a atenção dos participantes. Esse fato facilitou o estudo, e despertou maior interesse do grupo em conhecer quem havia habitado aquele espaço. Isso colaborou com a condução de todo o processo.

No decorrer da leitura da cartilha, o grupo foi conhecendo a história de ruas, praças e quando encontraram o nome da rua que moram ficaram entusiasmados, com a história. Esse processo foi muito importante para os participantes, porque permitiu aos mesmos, informações que outrora não tinham.

---

<sup>4</sup> Com a fusão das pastas de Cultura e Turismo, ocorrida em 2016, passou a ser denominada Secretaria de Estado de Cultura e Turismo do Estado do Maranhão (SECTUR).

Para chegarmos ao roteiro da criação das micro cenas, que implica em sintetizar no menor espaço de tempo na utilização de um cenário único (frontispício de um casarão ou um recanto de praça ou uma ruina de prédio colonial, por exemplo), e na redação econômica de diálogos que encerrem ações capazes de sintetizar perfeitamente histórias e conflitos.

O grupo experimentou alguns dilemas sobre as escolhas dos casarões, que basicamente seriam o cenário das histórias narradas. Teve participante que queria o Palácio dos Leões, pois se trata de um monumento muito antigo e símbolo da construção da cidade, outro sugeriu o Sobrado 241, casa que fica na avenida Pedro II, e onde viveu o escritor Graça Aranha um dos grandes nomes da literatura brasileira e fundador da Academia Brasileira de Letras, o Beco Catarina Mina, Solar que pertenceu à baronesa de Anajatuba, casa de Aluízio de Azevedo onde escreveu o mulato, Praça Nauro Machado, o prédio onde hoje funciona o arquivo público e que foi uma Pensão no século XIX, bastante conhecida da época, fora outras sugestões.

Após várias ideias, o instrutor propôs uma votação e destacou que o roteiro não poderia ser muito extenso e que o ideal seria concentrar no entorno da Praia Grande, local onde recebe e se concentra o maior número de turistas e de transeuntes, pois as apresentações seriam voltadas para os turistas que se constituíam realmente o público-alvo.

O trabalho de pesquisa proporcionou aos envolvidos um outro olhar, um olhar de curiosidade que outrora não tinham com aquele espaço geográfico do Centro Histórico e essa curiosidade fomentou e fortaleceu a identificação com as histórias que são contadas sobre aquele acervo arquitetônico, criando dessa forma uma empatia e ao mesmo tempo uma identificação de pertencimento daquele espaço, rico em conhecimento, pois através da pesquisa os participantes conheceram personagens que fizeram parte da construção histórica da cidade e que estão presentes até hoje, nas literaturas e nas memórias dos mais velhos.

Com a realização desse trabalho almejo fomentar o exercício do conhecimento e a provocação da curiosidade reflexiva, que fazem do sujeito um cidadão crítico capaz de compreender diversos contextos sociais.

A partir das pesquisas realizadas, por meio das conversas com moradores mais antigos e com auxílio da bibliografia disponível, o processo de criação teatral unido às memórias, histórias, pessoas e percepções relacionadas ao Centro Histórico, tivemos como resultado prático a escritura dramatúrgica das micro cenas.

A metodologia da escritura se deu a partir do processo de criação compartilhada implicando em:

-escolha do tema, observando os principais conflitos dos personagens da história lida (o trabalho desenvolveu-se observando-se a capacidade de participação por faixa etária);  
 -sintetização das histórias;  
 -escolha das personagens;  
 -roteirização de cenas a partir de um conflito central e de conflitos secundários;  
 -eleição de uma cena curta que pudessem sintetizar toda a história com desenvolvimento de ações de até quinze minutos de duração;  
 -redação a partir do relato oral dos participantes em geral e das anotações de dois participantes mais velhos;  
 -correção e finalização da redação pelo instrutor.

Procurou-se com esse modelo atender a preocupação de garantir a presença permanente por um curto espaço de tempo de um público naturalmente flutuante.

Com a denominação de Micro Cenas foram redigidas: “A Pensão da Chicó” com referência a um fato ocorrido naquela pensão (luxuoso bordel da época), cujo o conflito central é a tentativa de engodo do cafetão (mascate) para alojar ali uma virgem estudante chegada do interior do estado. Como nos fragmentos de diálogos a seguir:

**PORTEIRO** – E posso saber o que a moça veio fazer aqui na cidade?

**MOCINHA** – Estudar, ora! Por quê? Estou muito nova, ou muito velha para começar os estudos?

**PORTEIRO** – Santo Deus, que ingenuidade.

**JOAQUIM** (aparece de repente) - Olá senhorita Laura. Bem-vinda à capital! Pelo visto seu pai lhe ensinou direitinho o endereço!

**PORTEIRO** (para a mocinha) – É esse o senhor Joaquim? Meu Deus! Só podia ser mesmo, o Joaquim papo de anjo.

**MOCINHA** – É esse mesmo. (Estende a mão e Joaquim beija) por quê?

**PORTEIRO** – Boa bisca seu pai lhe arranjou. (Para Joaquim) qual teu interesse nessa pobre criatura, hem, seu safado?

---

“A Empreendedora Catarina Mina”, que revela a verdadeira história da importante negra alforriada, a partir da apresentação de um conflito, ocorrido no dia da celebração dos seus setenta e quatros anos. Como descreve o fragmento a seguir:

**Dr. RICARDO** – Mas comadre, se a senhora já comprou mais um prédio montou sua barraca, porque continua anunciando a venda de suas mercadorias nos jornais?

**CATARINA** – Ora compadre, aqui na barraca estou vendendo também outros tipos de coisas... Mas vou continuar estocando a farinha e o charque aqui no depósito deste prédio.

**DES. JOAQUIM** – Mas comadre... Pra quem já tem 74 anos e mais de 21 escravos, a senhora não já podia estar pensando em descansar um pouco?

**CATARINA** – Compadre. Farinha eu só vendo mesmo no atacado, por alqueires... Isso é serviço rápido. Na barraca, não. Depende de mais tempo pra vender as mercadorias. Elas são variadas. Mas já pensei nisso. Vou botar Catá pra tomar de conta. Quando eu descansar, ela vai ser minha herdeira e esse nêguinho dela também. Portanto, não custa nada ir se acostumando de agora.

(ENTRA UM COROINHA PARAMENTADO CORRENDO E GRITANDO)

**COROINHA** – Sá dona Catarina!... Sá dona! (Chega mais perto e fala) O vigário disse que já está passando a hora da missa. A igreja tá cheia e ele não pode esperar mais!

.....

“Os Penico de Meirelles”, conta a história da desavença do comendador Meireles com Donana Jansem Pereira. Como consta o fragmento:

**MEIRELES** – São coisas de vocês maranhenses, provincianos que não querem atender ao jugo soberano e ficam inventando histórias e publicando no “arre e ira” de vocês.

**DONANA** – Não adianta esperniar, covarde, pois sabes muito bem que minha fortuna se formou com a herança do meu primeiro marido, grande português, o coronel Izidoro Pereira. Homem bem diferente de ti, covarde. Aquele era um benfeitor de mão cheia. Basta veres, pirata, sua obra junto a Santa Casa de Misericórdia, a Roda dos Enfeitados, ainda hoje ao lado da Igreja de São Pantaleão!

**ANTÔNIO XAVIER** – Já chega! Não mereces nenhuma atenção covarde! Vimos aqui pra quebrar os penicos, então vamos fazê-lo!

**DONANA** – Esperem! Agora esperem! Vim também apreciar tua derrota total pirata de uma figa!!

**MEIRELES** – Porque não paras de ladrar!

**ANTÔNIO XAVIER** – Vê como falas! O povo do Maranhão já está farto de ver essa invasão de aventureiros portugueses nesta província!

**DONANA** – Quebrem tudo! Eu comprei todos os penicos! Agora, tua cara é que vai ficar cagada de vergonha. (Os escravos começam a quebrar. Entra um oficial de justiça).

.....

“Na Praça do Poeta”, mostra um evento de declamação de poemas de Nauro Machado. Como está no fragmento abaixo:

**Garota 2** – Então lá vai! Quem quer participar? Venham apanhar seus poemas.

**Garoto 2** – Pronto! Agora vamos ler em conjunto aqueles onde estiver escrito TODOS. Os outros serão lidos, um por um, por cada um de nós.

(O elenco se posta em frente ao público e um ator dirige a leitura dos poemas)

**Garoto 1** – (lê uma sucinta biografia de Nauro Machado. Em seguida inicia a leitura)

TODOS: FASTÍGIO (1<sup>a</sup> ESTROFE)

**São tantos, são milhões de almas e corpos  
no compromisso de almoços e jantas,  
contra a canção que os pássaros levantam  
na descoberta dos céus mais próximos.**

.....

Após a finalização da escritura dramatúrgica foram escolhidos duas micros cenas para exibição em público. Os ensaios das mesmas transcorreram durante dois meses seguidos.

As duas micro cenas montadas foram, “A Empreendedora Catarina Mina” e “A Pensão da Chicó” cujas apresentações tiveram início em frente ao casarão da Rua Portugal esquina com Rua da Calçada, lugar onde se localiza o Beco Catarina Mina. A cena apresentada, mostra de maneira sucinta os feitos de Catarina Rosa Pereira de Jesus, a “Catarina Mina” e a sua habilidade de comerciante que lhe fez lograr uma grande fortuna, comprou sua liberdade e tornou-se proprietária de imóveis e senhora de escravos.

Ao final da primeira cena, seguiu-se em cortejo para o casarão localizado na de Rua de Nazaré, Nº 218, prédio onde hoje funciona o Arquivo Público do Estado do Maranhão. É um prédio de belo exemplar arquitetônico, típico do período de opulência econômica do Maranhão e que abrigou durante anos um dos mais célebres e luxuosos bordéis já existentes nesta cidade, a Pensão da Chicó.

As cenas foram assistidas por grupos de turistas e de transeuntes, além de pessoas que trabalham e moram pelas redondezas. O objetivo de montar as micro cenas é proporcionar a turistas e comunidade, informações sobre as histórias dos casarões, a partir das encenações realizadas em frente aos prédios selecionados.

O trabalho desenvolvido com os participantes do projeto resultou num processo de socialização muito eficaz para o fortalecimento e harmonia do grupo. Note-se que no início, alguns alunos tinham uma certa dificuldade de relacionamento, e após a realização das atividades em grupo, essas desavenças foram se extinguindo. Com o passar do tempo essa preciosa interação culminou com o sucesso obtido com as apresentações. É notório que a prática teatral onde o trabalho técnico aproxima o saber empírico e o científico, gera

resultados significativos. Segundo Read (2001, p. 16) “o ato de construção e criação, tanto na arte como na educação, produz uma relação de proximidade e identidade entre aquilo que se faz e aquilo que se conhece [...] ou qualquer outra forma de registro dos conhecimentos produzidos pelo ser humano”. Essa prática permitiu aos participantes, lidar com ambos os saberes, vivências corpóreo-vocais e percepções, na prática, consequência essa que tantas escolas e docentes buscam encontrar.

A partir dessa experiência, comprehendo melhor e se evidencia mais que é preciso pensar práticas formativas, que proporcionem a criança e ao adolescente a reflexão sobre o que é a realidade da vida, fazendo-os entender que as contradições presentes na sociedade só podem ser superadas no plano das relações sociais, políticas e inter-humanas. É neste contexto que reflito sobre a prática do teatro como processo de ensino. Conforme Ingrid Koudela:

O teatro, enquanto proposta de educação, trabalha com o potencial que todas as pessoas possuem, transformando esse recurso natural em um processo consciente de expressão e comunicação. A representação ativa integra processos individuais, possibilitando a ampliação do conhecimento da realidade (KOUDELA 1998, p. 78).

Portanto o trabalho com a linguagem teatral despertou nos participantes o gosto pela atividade artística de forma a entender o que está além da superfície da mesma.

O teatro estabelece com a experiência artística estímulos variados, onde um atuante pode estabelecer uma troca rica, no encontro com o outro, no momento da ação cênica.

Então, na expectativa de sistematizar uma metodologia (enquanto apresento um roteiro procedimento), capaz de desencadear um processo compartilhado sugerido pelo trabalho com referência a sua exequibilidade em cidades históricas para que se possa pensar a relação entre teatro-cidade:

A- Visitação a bibliotecas.

B- Conversas com personagens ícones residentes vivos no espaço urbano correspondente.

C- Formulação e leitura de bibliografia para levantamentos de dados tipológicos, arquitetônicos históricos etc.

D- Realização e escrita de micro cenas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O processo que desenvolvi com o grupo de crianças e adolescentes do projeto *Revitalizando a Cena do Centro Histórico*, o qual apresentou um resultado prático, verificado

com a elaboração dramatúrgica, efetivada a partir de experiências realizadas com jogos e exercícios de improvisação, como suporte para o trabalho com as histórias de vida dos participantes e das personagens históricas que povoaram o casario colonial possibilitando construção de roteiros e diálogos por eles elaborados e cerzidos por minha orientação, e anexados a este trabalho, em forma de escritura dramatúrgica, me faz crer com segurança num resultado bastante satisfatório, pois possibilitou à conclusão do mesmo com a encenação das cenas que foram construídas, e que revelou que o processo de criação foi o trabalho mais importante, porque permitiu que se procedesse um aprendizado completo de todos os componentes do teatro, pois ao dialogar com o público (turistas e transeuntes) após as apresentações, as respostas sobre as informações pretendidas foram satisfatórias.

Acredito que a partir dessa experiência o grupo envolvido vai olhar de outra maneira, valorizando e dando a devida importância a aquele complexo de arquitetura e histórias, que é o Centro Histórico de São Luís.

Por meio das atividades desenvolvidas e seguindo o processo de planejamento avaliação, revisão e reformulação das ações, construindo um roteiro didático pedagógico flexível e eficaz, pude proceder com sucesso o acompanhamento do desenvolvimento, passo a passo de cada participante do projeto contribuindo com o progresso dos seus aprendizados.

Observando que a prática da pesquisa nos possibilitou chegar ao seguinte roteiro de construção das micro cenas, a elaboração das estratégias metodológicas nos possibilitou definir um esquema completo das atividades realizadas pelo projeto após os procedimentos de sensibilização, motivação, preparação corporal e vocal. O processo de vivencia artística se deu a partir das seguintes etapas:

- 1) Alunos encontram nas bibliotecas através de pesquisa feita nas fichas catalográficas, livros que falam do casario do Centro Histórico do Maranhão, aliando a pesquisa ao trabalho desenvolvido com os jogos de improvisação, decidiram aprofundar o trabalho, improvisando as histórias de prédios que mais lhes chamavam a atenção.
- 2) Encontraram uma cartilha intitulada “Passeio a pé pelo Centro Histórico” e sua leitura proporcionou criar um roteiro.
- 3) Motivados, o professor/instrutor visita com os participantes o roteiro descrito pela cartilha para conhecer as ruas e os prédios estudados.
- 4) São definidos os mais interessantes e, em grupo selecionam os mais viáveis para a execução do trabalho.
- 5) Retornam às bibliotecas, leem obras referentes aos prédios selecionados e sobre os fatos históricos que os cercam.

- 6) Voltam às ruas e procuram pessoas da comunidade com a sugestão de um roteiro de perguntas para colher dados e depoimentos.
- 7) De posse do material coletado, o grupo precisou de oito encontros para processar as informações catalogadas através de estudos, e, ainda em grupo, conduzido pelo instrutor, após devidamente filtradas as informações, passou-se ao trabalho de improvisação das histórias a partir da utilização dos procedimentos já utilizados no segundo momento da execução do projeto, ou seja, o trabalho corporal e jogos de improvisação.
- 8) De forma coletiva (compartilhada), foram sendo construídas quatro micros cenas, a partir de um texto resumido. Em seguida, foi elaborado um roteiro e finalmente os diálogos foram escritos.
- 9) As micro cenas foram avaliadas e finalizadas em sua escritura com o auxílio do instrutor.
- 10) O processo seguinte foi a realização dos ensaios, a criação e execução dos figurinos, e a definição do roteiro de apresentação.
- 11) Apresentações.

Reconheço que a metodologia do trabalho realizado durante a execução do projeto pode produzir e fomentar um processo de vivências artísticas a partir de:

- A- Nucleação.
- B- Narrativas orais.
- C- Seleção de temas.
- D- Trabalho com a estrutura dramática, Onde, Quem e O que.

Espero, com essas experiências adquiridas ao trabalhar nessa proposta didático-pedagógica, ter alcançado resultados significativos para o ensino do teatro, proporcionando assim a propagação da arte e a sua importância, contribuindo para que os participantes se tornem sujeitos críticos e pensantes, porque este modelo de trabalho onde todos os envolvidos têm algo a aprender e a ensinar se torna um campo fértil para o desenvolvimento do conhecimento.

## REFERÊNCIAS

CHACRA, Sandra. **Natureza e sentido da improvisação teatral.** São Paulo, Perspectiva, 1983.

COTEATRO. Disponível em: <<http://coteatro.blogspot.com/2014/07/historico-da-coteatro-espetaculos.html>>. Acesso: em 28 de maio de 2018.

DOHME, Vânia. **Atividades Lúdicas na educação: o caminho de tijolos amarelo.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

FERREIRA, Taís. **Teatro e dança nos anos iniciais.** Porto Alegre: Mediação 2012.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade.** São Paulo, 2011.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens:** o jogo como elemento da cultura. Trad. João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 2000.

KOUDELA, Ingrid Dormien. **Jogos Teatrais.** São Paulo: Perspectiva, 1998.

LECOQ, Jacques. **O corpo poético: uma pedagogia da criação teatral.** SP: Editora SENAC São Paulo: Edições SESC SP, 2010.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de teatro.** São Paulo: Perspectiva, 1999.

READ, Herbert. **A Educação pela Arte.** Ed. Martins Fontes. 2001.

SPOLIN, Viola. **O jogo teatral no livro do diretor.** São Paulo: Perspectiva, 2010.

## APÊNDICE A - PLANO DE CURSO

### Plano de Curso

#### **Curso: Iniciação Teatral para crianças e adolescentes do Centro Histórico**

### **1 OBJETIVOS**

Aplicar com crianças e adolescentes, uma prática com a linguagem cênica, no intuito de permitir aos mesmos uma experiência estética através do ensino do Teatro.

- a) Experimentar oficinas, aulas, laboratórios, pesquisa de campo e bibliográfica referente a finalidade do projeto;
- b) Realizar montagem de espetáculos em micro cenas, ao ar livre, ressaltando o valor histórico e arquitetônico de São Luís.

### **2 METODOLOGIA / encontro semanal /4h aula**

- 2.1 Conteúdos/atividades
- 2.2 Oficinas de preparação corporal e vocal
- 2.3 Jogos de Improvisação teatral
- 2.4 Laboratórios de encenação
- 2.5 Laboratórios de dramaturgia – criação compartilhada
- 2.6 Oficinas de confecção de figuras e adereços
- 2.7 Ensaio e apresentação
- 2.8 Avaliação / Atividades praticadas a partir dos indicadores de sucesso pelos conteúdos apresentados levando-se em consideração a individualidade cultural de cada aluno.

## ANEXO A - TEXTOS DRAMATÚRGICOS DAS MICRO CENAS

### MICRO- CENA I

#### **A EMPREENDEDORA CATARINA MINA**

Criação Compartilhada

DURAÇÃO: 08min. à 10min.

PERSONAGENS:

CATARINA MINA;

CATARINA ESCRAVA;

ALEXANDRE (MENINO);

Dr. RICARDO JAUFFRET

DESEMBARGADOR JOAQUIM BARRADO

COROINHA;

03 ESCRAVOS (Tibúcio; Cambão e Antero)

#### **A EMPREENDEDORA CATARINA MINA**

#### **AÇÃO:**

(Em frente ao Casarão da Rua do Trapiche esquina com a Rua da Calçada / [Beco Catarina Mina. Três escravos com côfes de farinha vão entrando e saindo, para armazenar, com traje de festa, Catarina de costa para a rua, recomenda aos seus escravos)

**CATARINA** – Cuidem logo com isso! Vamos ligeiro! É pra ser ligeiro e não desajeitados! Não vê que não podem por a pilha de côfes farinha muito perto do lote de Charque?

**TIBÚRCIO** – Sim Dona! ...

**CAMBÃO** - Cuidado aí, Antero!

**ANTERO** – Arre!! Tô vendo, Cambão!...

**CATARINA** – Sem Latumia. É só arrear e arrumar direito (Vira-se para a rua). Olá compadres, não vi vocês chegarem.

**DESEMBARGADOR JOAQUIM** – Também! Atarefada desse jeito! Cuidado pra não sujar esse belo traje comadre!

**CATARINA** – Tou atenta! E como vai a comadre e meu afilhado?...

**DES. JOAQUIM** – Já estão na igreja lhe esperando...

**Dr. RICARDO** – A comadre sabe como o desembargador Joaquim Barrada é madrugador!! Que vestidão! Hein, comadre?! Bem merecido pra missa dos seus 74 anos! Mas comadre, onde está a sandália que lhe presenteei para o dia de hoje?

**CATARINA** – Ora, compadre! O senhor bem sabe que só ando descalça. Até pra ir pra festa!

**Dr. RICARDO** – É. Ninguém pode mesmo com sua teimosia...

**DES. JOAQUIM** – Dr. Jouffret, tem toda razão. Mas não amole, comadre, a missa já está pra começar...

**CATARINA** – A Igreja da Sé é bem aí, é só um pulo. Deixe de ser avexado!... E a comadre compadre Dr. Ricardo, também já está na igreja?

**Dr. RICARDO** – Sua comadre e sua afilhada foram na frente... Mas o desembargador tem razão. Tá ficando tarde.

**CATARINA** – Eu sei, compadres, mas ai de mim se não viesse...Mas recebi ontem uma carga preciosa do Rio de Janeiro. Novidade para o Maranhão! Carne de Charque. E se eu não agasalhar bem a farinha que chegou hoje e acaba de desembarcar ali na rampa Campos de Melo posso por toda essa carga a perder.

**DES. JOAQUIM** – Tem razão comadre, o olho do dono é que engorda o gado. Mas a barraca ainda nem abriu.

**CATARINA** – Por isso mesmo. Não posso deixar à toa... Não quero perder meu tino de comerciante... Tenho medo que se estrague e tenha que vender até fiado e por preço baixo!

**Dr. RICARDO** – Fiado, comadre?

**CATARINA** – Pois não é!? Sabem por que não devo ninguém? Porque não vendo fiado.

(ENTRAM NA CENA CATARINA ESCRAVA, SUA CRIADA DE CONFIANÇA, COMO UMA FILHA DE CRIAÇÃO DE CATARINA MINA, COM SEU FILHO ALEXANDRE)

**CATARINA** – Pôxa! Ainda bem que vocês chegaram. Estava quase perdendo a hora!...

**CATARINA ESCRAVA** – Bença, sinhá! Foi por causa do Alexandre. Esse pequeno é muito murrinha. Dorme demais!...

**CATARINA** – Tão vendo aí como a Catá, minha ajudante, tá um mulherão?! Já deu até cria! (Para a escrava) Vai entrando minha filha. Vai vendo como está essa arrumação.

**Dr. RICARDO** – Mas ela não vai pra missa?

**CATARINA** – Não vai poder por que os outros empregados de confiança, estão, um na casa da Rua da Palha entregando uma carga de farinha prum fazendeiro e outro foi resolver uns

problemas dos côfes na calçada do mercado. Depois que Deus chamou Pedro Amaro meu filho e Quintino, meu companheiro, pro céu, tenho que dar meu jeito!...

**DES. JOAQUIM** – Li no jornal que hoje ia ter venda lá também. Achei estranho. Hoje devia ser feriado!

**CATARINA** – É. Mas farinha não pode ficar parada muito tempo senão mofa. E depois, o Sebastião despacha a comitiva do comprador num piscar de olhos!

(Barulho dentro do prédio)

**CATÁ** – Assim não, Tibúrcio!

**TIBÚRCIO** – Eu sei nêga. Pensa que sou burro?

**CATÁ** – (Sai à porta) Ouviu, Sinhá, o Tibúrcio não me respeita (Entra)

**TIBÚRCIO** – (Sai à porta) é isso não siá. É fuxico dela! (Entra)

**ANTERO** – (De dentro) Segura isso com firmeza, Tibúrcio!

**TIBÚRCIO** - (De dentro) Ixie! Que agora é tudo feitor!... Bando de nêgo besta!!! (Barulho de briga)

**CAMBÃO** - (Sai à porta) Chega, siá, que os nêgo tão se ensopapando.

**CATARINA** – (Grita de fora) – Catá, controla esse furdunço aí, senão eu entro (A Cambão) – Vai logo buscar o provocador de briga. Vai! Arrasta ele pra cá.

(CAMBÃO ENTRA E TRÁS TIBÚRCIO PELA ORELHA E FICA À PORTA)

**TIBÚRCIO** – (Gritando) – Ai! Ai! Ai! Tá vendo aí siá? Como se trata um nêgo trabalhador!...

**CATARINA** – (A Cambão) – Pode largar. (A Tibúrcio) – O que tu viu lá que não quer obedecer Catá e teus parceiros?!

**TIBÚRCIO** – (Resmunga)...

**CATARINA** – O que foi que tu disse? Não entendi! (Bem enérgica)

**TIBÚRCIO** – é aquela nêga! Tá se achando a dona! É só mandar, mandar, e fazer que é bom, nécas!

**CATARINA** – E tu sabe que ela pode chegar a ser tua “ama”?

**TIBÚRCIO** – Cruz credo, siá! Uma escrava como eu ser minha sinhá também! Vôte!

**CATARINA** – Quem sabe não vai ser já, já, alforreada? Agora, passa pra dentro e cuida com teu serviço! Deixa de conversa fiada! Vamos!

**TIBÚRCIO** – (Entrando com o Cambão) – Ôh sina! ôh mundiça!

**CATÁ** – (Sai à porta) – A senhora viu, sinhá, Não viu! Esse tôco não quer aceitar nem conselho de Antero!

**CATARINA** – Minha filha! Não vê que estou com visita.

**CATÁ** – Desculpe sinhá (Entra).

**ANTERO** – (De dentro) – Musenga!!! Não bota o pandero de farinha nesse lugar! Nêguinho teimoso, siô!

**TIBÚRCIO** - (De dentro) – Meu São Benedito!!! Que praga que me rogaram?! Larguem do meu coro!

**ANTERO** – (De dentro) – Não sei como! Tu não procura um jeito.

**TIBÚRCIO** – (Chega-se à porta, mas não sai) – Antes dessa aí chegar eu não tava errando nada. Só Agora?!

**CATARINA** – Passa pra dentro! Cuida do teu serviço! E, vocês aí! Não quero mais ouvir quizumba!

**CATÁ** – (Sai à porta sem sair à rua) – Pode deixar sinhá, agora eu tomo de conta!

**CATARINA** – Isso mesmo!! (Aos compadres) Tô pensando... Depois que ampliei mais a vendinha e tive que alugar aquele sobrado que era mais como um depósito ali na Rua da Calçada, porque já estava muito apertada, já começo a sentir um pouco de cansaço.

**DES. JOAQUIM** – E por isso a comadre procurou se estabelecer de novo?

**CATARINA** – Foi por isso que comprei este prédio aqui pra montar minha barraca.

**Dr. RICARDO** – Mas comadre, se a senhora já comprou mais um prédio montou sua barraca, porque continua anunciando a venda de suas mercadorias nos jornais?

**CATARINA** – Ora compadre, aqui na barraca estou vendendo também outros tipos de coisas... Mas vou continuar estocando a farinha e o charque aqui no depósito deste prédio.

**DES. JOAQUIM** – Mas comadre... Pra quem já tem 74 anos e mais de 21 escravos, a senhora não já podia estar pensando em descansar um pouco?

**CATARINA** – Compadre. Farinha eu só vendo mesmo no atacado, por alqueires... Isso é serviço rápido. Na barraca, não. Depende de mais tempo pra vender as mercadorias. Elas são variadas. Mas já pensei nisso. Vou botar Catá pra tomar de conta. Quando eu descansar, ela vai ser minha herdeira e esse nêguinho dela também. Portanto, não custa nada ir se acostumando de agora.

(ENTRA UM COROINHA PARAMENTADO CORRENDO E GRITANDO)

**COROINHA** – Sá dona Catarina!... Sá dona! (Chega mais perto e fala) O vigário disse que já está passando a hora da missa. A igreja tá cheia e ele não pode esperar mais!

**CATARINA** – Ai meu Deus! E agora... Esse vigário é brabão! Meus compadres vão na frente! Eu chego logo!

**OS DOIS COMPADRES** – Nem pensar!!!

**CATARINA** – E agorinháa? – Catá, tá tudo arrumadinho aí?

**CATÁ** – Pode ir, vá sossegada!

**CATARINA** – Vem cá Xandico! Vamos comigo e os compadres...

**COROINHA** – Se apresse dona!

**CATARINA** – Tô indo. ‘Té’ mais, Catá! Vamos compadres.

(TOMA A MÃO DO GAROTO E SOBEM TODOS A ESCADARIA, RUMO A SÉ)

FIM

## MICRO CENA II

**A PENSÃO DA CHICÓ**

Criação Compartilhada

## PERSONAGENS

**Porteiro****Madame Chicó****Mascate****Mocinha**

(NA PORTA, UMA MOCINHA COM BAÚ PEQUENO CHEGANDO PARA HOSPEDAR-SE)

**MOCINHA** (bate palma) – Ô de casa!**PORTEIRO** (saindo, observando bem a moça) – O que vosmecê quer por aqui?**MOCINHA** – Hospedar-me. Aqui não é a pensão da Dona Chicó, que hospeda as moças?**PORTEIRO** – Como é?! Moças?!**MOCINHA** – Sim, não é uma pensão familiar para mulheres?**PORTEIRO** – Ah! Isso lá, é! Mas familiar? Mocinhas? A senhorinha não veio com o endereço errado?**MOCINHA** – Olha aqui, moço. Quem me deu esse endereço foi meu pai.**PORTEIRO** (espantado) – Seu pai?!**MOCINHA** – Foi.**PORTEIRO** – Tem certeza?**MOCINHA** – Claro!**PORTEIRO** – Então, seu pai já chegou por aqui?**MOCINHA** – Não. Meu pai nunca saiu de PIndaré. Ele não tem tempo. Negocia por lá mesmo. Foi seu Joaquim, um vendedor ambulante que indicou, ele disse que aqui é um luxo.**PORTEIRO** – E posso saber o que a moça veio fazer aqui na cidade?**MOCINHA** – Estudar, ora! Por quê? Estou muito nova, ou muito velha para começar os estudos?**PORTEIRO** – Santo Deus, que ingenuidade.**JOAQUIM** (aparece de repente) - Olá senhorita Laura. Bem-vinda à capital! Pelo visto seu pai lhe ensinou direitinho o endereço!

**PORTEIRO** (para a mocinha) – É esse o senhor Joaquim? Meu Deus! Só podia ser mesmo, o Joaquim papo de anjo.

**MOCINHA** – É esse mesmo. (Estende a mão e Joaquim beija) por quê?

**PORTEIRO** – Boa bisca seu pai lhe arranjou. (Para Joaquim) qual teu interesse nessa pobre criatura, hem, seu safado?

**JOAQUIM** – Calma Tutu! (Cínico) Assim você me ofende! Chama a Madame logo, deixa de gracinhas!

**PORTEIRO** (entrando) – Madame! Cliente! Ou sei lá o quê.

**MADAME CHICÓ** (saindo à porta) – Olá, seu Joaquim, bem-vindo sempre à nossa casa! Mercadoria nova? E esse baú?

**JOAQUIM** (cheio de “dedos”, beija a mão da madame) – Obrigada pela deferência Madame Chicó. Mas a coisa parece, mas não é!

**MADAME CHICÓ** – Que raios é então?

**JOAQUIM** – É que a Senhorita Laura acaba de chegar de Pindaré, não conhece ninguém...

**MADAME CHICÓ** (interrompendo) – Sim, mas o que não falta é pensão familiar aqui pelas redondezas.

**JOAQUIM** (puxando a madame pelo braço) – Não fale assim, Madame! Vai assustar a criança.

**MADAME CHICÓ** – Mascate! O que estás querendo aprontar? Essa moça foi perdida por alguém ou tu mesmo a perdestes e a família a expulsou de casa?

**JOAQUIM** – Não é nada disso!

**MADAME CHICÓ** – Então me explica logo, por que carne nova faz muito sucesso no salão.

**JOAQUIM** – Deus me livre! Nem pense nisso. (Cínico) Eu só quero ajudar a moça a se abrigar aqui em São Luís. É que sua pensão fica bem próxima da escola que eu prometi ao pai dela matriculá-la... assim como também prometi cuidar bem dela, já que ele é viúvo e muito ocupado lá no interior.

**MADAME CHICÓ** – Benza Deus! Que grande anjo esse pobre pai foi arranjar!

**JOAQUIM** - Pureza d’alma! Eu juro que minhas intenções são boas. Quem sabe aqui no seu estabelecimento, não seja mais fácil eu visitar Laurinha! E também com a convivência com as outras moças, ela vai pegando algum traquejo...

**MOCINHA** - Traquejo de quê? A senhora pode me explicar? Por que não me manda logo entrar, e me providencia um quarto? Estou cansada da viagem.

**MADAME CHICÓ** – Ah, minha filha! Eu bem que gostaria. Um rostinho e um corpinho desse, faz bem a diferença numa pensão de peso com a minha.

**MOCINHA** – E ENTÃO?

**MADAME CHICÓ** – Seu pai faz o que mesmo?

**MOCINHA** – Tem uma fazendinha, mas é um grande comerciante. Pode acreditar! Não vou nunca lhe ficar devendo nada. Pergunte ao seu Joaquim...

**MADAME CHICÓ** - E é preciso perguntar? O que ele está querendo eu posso bem adivinhar. (Debochando) E cuida de ti tolinha!

**JOAQUIM** – Que isso madame?

**MADAME CHICÓ** – Teu pai sabe mesmo que virias morar aqui? Ele sabe alguma coisa a respeito da minha pensão?

**MOCINHA** – Sabe. Seu Joaquim conversou muito com ele.

**MADAME CHICÓ** – Disso eu não duvido. Isso é bom de conversa... (chama para dentro) Tutu. Ô Tutu. Vem cá, depressa!

**PORTEIRO** - Pronto, dona Chicó. Às ordens...

**MADAME CHICÓ** – Quero que tu me ajudes a proteger de verdade está bonequinha, ou a me fazer ganhar sangue novo no meu plantel.

**PORTEIRO** – A madame sabe que está fazendo?

**MADAME CHICÓ** – Sei. Claro que sei!

**PORTEIRO** – Então mande.

**MADAME CHICÓ** – Vai aí do lado na companhia telefônica. (para a mocinha) No comercio do teu pai já tem telefone?

**MOCINHA** – Não, senhora... mas... Ah! No escritório de seu Adalberto, um amigo dele comerciante, tem?

**MADAME CHICÓ** – E onde fica esse comerciante?

**MOCINHA** – Ah! É La no Anil. Ele me deu o número pro caso de eu precisar de qualquer coisa...

**MADAME CHICÓ** – E esse seu Adalberto sabe que tu vinhas pra cá? Pra minha pensão?

**MOCINHA** – Acho que sim. Porque depois que seu Joaquim veio de Pindaré, vi meu pai conversando várias vezes com seu Adalberto...

**MADAME CHICÓ** – Benza Deus!! Tutu, pega esse número e telefona pra esse seu Adalberto. Explica pra ele direitinho o que está se passando e se eu posso acolher essa menina.

**PORTEIRO** – É pra já, Madame. Mas, por que, enquanto isso a senhora não deixa ela entrar um pouquinho?

**MADAME CHICÓ** – Nunca! Depois que um baú entra, meu filho, difícil é sair de novo! Vai. Cuida logo!

(O PORTEIRO TUTU, ATRAVESSA A RUA E VOLTA COM UMA PLACA, ESCRITO: “40 MINUTOS DEPOIS”)

**PORTEIRO** – Vixe! Dona Chicó. Cuidado, mesmo. E Muito!

**MADAME CHICÓ** – O que aconteceu Tutu?

**PORTEIRO** – Madame, o bicho ficou uma fera. Disse que está se arrumando, pra vir direto pra cá com a polícia!

**JOAQUIM** – Policia? Ah, meu Deus! Pra quê isso? Que gente dramática, meu pai do céu.

**MADAME CHICÓ** - Pra que? Safado! Então com essa tua tara de mascate, te apaixona pela mocinha aqui, não tem coragem nem moral ou condição de namorá-la e veio querendo aplicar o golpe. Pra cima de mim, logo!

**MOCINHA** – O quê? Então seu Joaquim não é de confiança.

**MADAME CHICÓ** – Nem no inferno esse mascate é de confiança! Agarra ele, Tutu, até a polícia chegar.

**JOAQUIM** – Cruzes! Que gente braba! Que violência é essa? Viu só, lá da telefônica estão acenando pra cá. Acho que estão chamando.

(ENQUANTO TODOS SE VIRAM PARA VER, ELE ESCAPA PELO OUTRO LADO)

**MADAME CHICÓ** (virando-se) – Quem?... Ah, velhaco! O safado fugiu.

**MOCINHA** – E agora, meu Deus? Onde vou me hospedar? Porque não pode ser aqui?

**MADAME CHICÓ** – Tu não irias entender, mesmo.

**PORTEIRO** – Minha filha, isto aqui não é uma pensão familiar. Ele tinha enganado teu pai. Aqui é luxuoso, bonito, alegre, mas não é para mocinhas ingênuas.

**MADAME CHICÓ** – Espere seu Adalberto chegar, ou... Taí vai com esse pessoal que estava abelhudando tudo. Pega uma carona com eles, mais ali tem uns pensionatos. Eles sim, abrigam mocinhas estudantes.

### MICRO CENA III

#### **OS PENICOS DE MEIRELLES**

Criação Compartilhada

DURAÇÃO: 08min. à 10min.

PERSONAGENS:

**MEIRELES;**

**ANA JANSEN (DONANA);**

**LUÍS FERREIRA - CONDE DE ITACOLOMY;**

**MARIDO DE ANA JANSEN;**

**OFICIAL DE JUSTIÇA;**

**ESCRAVOS (3)**

#### OS PENICOS DE MEIRELLES

#### **AÇÃO:**

(Em frente ao Casarão nº 235, da Rua do Giz, três escravos portando cada um, dois penicos de plásticos pintados por spray branco, tendo aos fundos, internamente, uma figura estampada)

**ESCRAVOS** (Berrando) – Pirata! Pirata! Covarde, Pirata Meireles! Covarde!

**MEIREI** S (Saindo à porta ou à sacada) – Bando de urubus com sotaque português! Só prestam para isso! Pra limpar bosta daquela embusteira cagona! Olhem bem pro fundo dos urinóis! Pois olhem! Aí está nossa rainha surtada num trono que vocês carregam! Mas minha vingança é que ela terá a cada vez sua cara cagada!

**ESCRAVOS** – Uh! Uh! Uh!. Pirata! Temos todos os penicos que tu mandou fazer. Donana comprou todos! Vem ver de perto! A gente vai quebrar tudinho!!! Ah! Ah! Ah!

**MEIRELES** (Fulo de raiva) – Pois, pois. Fiquem aí mesmo fazendo algazarra!!! Pois vou lá dentro pegar uma garrucha! (Sai. Os escravos diminuem o barulho)

**LUÍS FERREIRA** (Sai do prédio vizinho e grita para o marido de Donana) – Ei! Que se passa?! Que turba mais doida é essa?

**ANTÔNIO XAVIER** – Olá, Conde de Itacolomy. Não é arruaça só, não! É vingança da minha esposa aviltada por esse Meireles aí. Mas me diga, que fazes por aqui nestas horas?

**LUÍS FERREIRA** - Ora! Vim trazer umas encomendas da minha esposa, a condessa de Itacolomy, dona Ana Francisca, a senhora Baronesa de Anajatuba. Então me deparo com esta cena!

**ANTÔNIO XAVIER** – Agora está mais calmo! Mas acho que vai engrossar ainda mais, pois Donana há de chegar!

**LUÍS FERREIRA** – Ela vem na sua pomposa carruagem?

**ANTÔNIO XAVIER** – Pois não entendi por que falaste “a pomposa”!

**LUÍS FERREIRA** – Ora! Então o senhor ainda não sabe o que andam falando em toda a São Luís? Pois dizem temerosamente que Donana fez passeios noturnos em sua carruagem e que esta é puxada por cavalas – cangas.

**ANTÔNIO XAVIER** – Veja só o que fazem a maldade e a inveja! Pintam sua imagem em penicos e fazem pintura maior de bruxa e megera perversa fora deles! Ela é apenas uma mulher forte e de comando!

**LUÍS FERREIRA** – Sei disso, sei disso! E sei até porque começou esta história.

**ANTÔNIO XAVIER** – Quem inventou isso?! Quem levantou essa infâmia?!

**LUÍS FERREIRA** – Na verdade não é de todo, invenção! O caso aconteceu mesmo. E muitas vezes! Só que não foi com Donana!

**ANTÔNIO XAVIER** – E como podes saber disso?

**LUÍS FERREIRA** – Lembra dos meus sobrinhos? Os irmãos Luís e Antônio Beleza? Pois bem, uma noite que voltavam de um aniversário numa casa pros lados do cemitério do Gavião... Ao passarem pela Rua do Passeio, à meia noite, descobriram o mistério!

**ANTÔNIO XAVIER** – E qual era esse mistério?

**LUÍS FERREIRA** – Ora! Todas as noites naquela hora, uma carruagem em carreira desembalada, corria do cemitério do Gavião até o Largo dos Amores, passando, portanto a sua casa!

**ANTÔNIO XAVIER** – E como não lembro de ter ouvido nenhum barulho?

**LUÍS FERREIRA** – Talvez porque o casarão não permita escutar o que vem da rua. Mas o povão ouvia e se trancava com medo.

**ANTÔNIO XAVIER** – Mas que raio de carruagem era essa?

**LUÍS FERREIRA** – Era a do Leprosário que fica vizinho ao cemitério. Uns rapazes leprosos, comandado por um jovem de família importante que está recolhido ali, roubavam a carruagem pra pescar.

**ANTÔNIO XAVIER** – Mas à noite? E escondido?

**LUÍS FERREIRA** – Certamente por serem leprosos e sofrerem total discriminação.

**ANTÔNIO XAVIER** – Que Danana nunca saiba disso! Por falar nela, olha quem chega! (dirigindo-se a ela) – Senhora!!!

**DONANA** – Mas como é? Não quebraram ainda os urinóis! Que estão esperando? (Aparece Meireles) Ah! Está aí, o pirata covarde!

**MEIRELES** – Covarde, eu? Por ter tido coragem de estampar o retrato da “Rainha do Maranhão” nos fundos dos penicos!!!! Ah! Ah!

**DONANA** - Não só por isso! Mas por te esconderes de ser o principal cabeça da inflamada Revolução Liberal e que chamaram de “A Setembrada”.

**MEIRELES** – Como podes provar isso sua bruxa?!

**DONANA** – Ora, ora! Esse levante de vocês portugueses, os lusos para apoiar os Burgos no poder, estampado nos escritos dos jornalecos da província não carece mais de provas.

**MEIRELES** – São coisas de vocês maranhenses, provincianos que não querem atender ao jugo soberano e ficam inventando histórias e publicando no “arre e ira” de vocês.

**DONANA** – Não adianta esperniar, covarde, pois sabes muito bem que minha fortuna se formou com a herança do meu primeiro marido, grande português, o coronel Izidoro Pereira. Homem bem diferente de ti, covarde. Aquele era um benfeitor de mão cheia. Basta veres, pirata, sua obra junto a Santa Casa de Misericórdia, a Roda dos Enfeitados, ainda hoje ao lado da Igreja de São Pantaleão!

**ANTÔNIO XAVIER** – Já chega! Não mereces nenhuma atenção covarde! Vimos aqui pra quebrar os penicos, então vamos fazê-lo!

**DONANA** – Esperem! Agora esperem! Vim também apreciar tua derrota total pirata de uma figa!!

**MEIRELES** – Porque não paras de ladrar!

**ANTÔNIO XAVIER** – Vê como falas! O povo do Maranhão já está farto de ver essa invasão de aventureiros portugueses nesta província!

**DONANA** – Quebrem tudo! Eu comprei todos os penicos! Agora, tua cara é que vai ficar cagada de vergonha. (Os escravos começam a quebrar. Entra um oficial de justiça).

**OFICIAL DE JUSTIÇA** – Eita! Mas que confusão! Quem de vocês é o comendador Antônio José Meireles?

**MEIRELES** – Sou eu, pois, pois.

**OFICIAL** – Então ouça com atenção (Retira de uma bolsa um papel que lê) – “O Supremo Conselho Provincial, decreta a expulsão deste território e devendo imediatamente partir das terras brasileiras o Senhor Comendador Antônio José Meireles por dívida material e difamação da Senhora Dona Ana Jansen Pereira Leite, e com ele seus comparsas de Setembrada, o Marechal Agostinho de Farias, o Senhor Costa Soares, o Capitão João Manoel e o Cônego Francisco da Mãe dos Homens”.

Por ordem superior, o Comendador terá que ficar detido em sua casa até que os soldados venham para levá-lo com os outros, à prisão enquanto aguardam o navio que os levarão daqui!

**TODOS (APLAUDEM)** – Viva, enfim, ele.

**DONANA** (Vira-se para o sobrado ao lado e vê a Baronesa de Anajatuba) – Senhora, mil perdões! Sei que causei um grande alvoroço na sua porta. Mas esse pirata merece!

**BARONESA** – Qual o que, Donana. Ele fez por merecer! E já estamos fartos desses invasores. Não quer entrar um pouco com o Senhor Antônio Xavier, para refrescarem-se?

**DONANA** (Ao Conde) – Desculpe-me, Senhor Conde!

**LUÍS FERREIRA** – Senhora.

**DONANA** – A confusão não me fez notar sua presença.

**LUÍS FERREIRA** – Ora, pois não! Entremos, então!?

(TODOS ACOMPANHAM A BARONESA)

FIM

## MICRO CENA IV

### **NA PRAÇA DO POETA**

Criação Compartilhada

#### PERSONAGENS

**Senhor**

**Senhora**

**Garoto 1**

**Garota1**

**Garoto 1**

**Garota 2**

**Transeuntes**

#### NA PRAÇA DO POETA

**AÇÃO:** (Sentado em um lugar da praça, um casal de idosos conversam)

**Senhora-** Te lembras Pedro? Quando aqui era só um cacareco de ruínas?

**Senhor-** Lembro sim, Isaura. Era um espaço bom para os carroceiros da Praia Grande descansar seus burros e carroças.

**Senhora** - E aí do lado era um grande depósito de açúcar.

**Senhor** – E desse outro Lado, um grande prédio que reformaram para fazer uma pousada e até agora...

**Senhora** – Pelo menos o depósito virou um Teatro, o João do Vale. Justa homenagem.

**Senhor-** E nessa escadaria aí do lado, foi onde celebraram a missa de sétimo dia do João.

**Senhora.** – Foi. Mas pelo menos, agora, este lugar virou esta bela praça! E que bom que homenageamos com ela o grande poeta maranhense Nauro Machado.

**Garoto1-** Aí coroas nós ouvimos o papo de vocês. Quem foi esse cara mesmo?

**Garota 1** – Essa praça é boa é pra gente fazer nossas baladinhas das segundas feiras...

**Garoto 1-** E das sextas feiras também. Mas, aí. Vai lá. Diz quem foi ele.

**Senhor-** Ora... O maior poeta brasileiro contemporâneo!

**Garota 1-** É mesmo? E por que nem se escuta falar dele nas escolas?

**Senhora** – Deve ser por que Faz pouco tempo que ele morreu.

(Novo casal de Jovens se aproxima)

**Garoto 2-** Olha aí, gentes boas. Nós vimos brincar de fazer recital de poemas de Nauro Machado.

**Garota 2-** Então? Vocês topam brincar com a gente? Nós temos os poemas aqui. (Distribui os poemas)

**Senhora** – E o que temos que fazer?

**Garoto 2** – Todo mundo aqui topa?

**Senhor** – Mas claro. Assim podemos conhecer melhor o grande poeta.

**Garota 2** – Então lá vai! Quem quer participar? Venham apanhar seus poemas.

**Garoto 2** – Pronto! Agora vamos ler em conjunto aqueles onde estiver escrito TODOS. Os outros serão lidos, um por um, por cada um de nós.

(O elenco se posta em frente ao público e um ator dirige a leitura dos poemas)

**Garoto 1** – (lê uma sucinta biografia de Nauro Machado. Em seguida inicia a leitura)

TODOS: FASTÍGIO (1<sup>a</sup> ESTROFE)

**São tantos, são milhões de almas e corpos  
no compromisso de almoços e jantas,  
contra a canção que os pássaros levantam  
na descoberta dos céus mais próximos.**

Senhor- (Poema 1) – A VIAGEM

**Cheiro de fazenda,  
Cheiro de capim,  
de alguma ânsia vem  
uma outra existência  
perturbadora nesta,  
nesta incluída  
com um sonho mau  
cuja realidade  
ficou para trás.  
E eu continuo em mim  
- na estranha cidade  
do meu pesadelo –  
sem saber quem sou.**

**Senhora (Poema 2) – A IMPOTÊNCIA**

**É verdade que o povo foi despido  
Para não ver o sol da liberdade:  
Cada ventre, nas noites, é um ruído  
de coisa podre em milenar idade.**

**Livra teu ventre de amor mais gordo  
de quem rubrica o amor na paga após  
do dinheiro sangrando, o isopor do  
cio, a geladeira pútrida da voz.**

**Vendida está a mãe e o povo revendido  
No açougue público da tirania.  
Que é verdade: foi o povo em dor despido  
Para vender-se todo à luz do dia.**

**TODOS – FASTÍGIO (2<sup>a</sup> ESTROFE)**

**Lilases, não os há mais por pompas fúnebres.  
Cavalos, não os há mais pelas campinas.  
(Contudo houve-os na antiga hora,  
Celebrada igual à mesma dádiva).**

**Garoto/a 1 (Poema 3) – PEQUENA ODE A TRÓIA 12**

**Como te massacraram, ó cidade minha!  
Antes, mil vezes antes fosses arrasada  
por legiões de abutres do infinito vindos  
sobre coisas preditas ao fim do infortúnio  
(ânsias, labéus, lábios, mortalhas, augúrios),  
a seres, ó cidade minha, pária da alma,  
esse corredor de ecos de buzinas pútridas,**

esse vai-e-vem de carros sem orfeus por dentro,  
 que sem destino certo, exceto o do destino  
 cumprido por estômagos de usuras cheios,  
 por bailarinos bascos sem balé nenhum,  
 por procissões sem deuses de alfarrábios velhos,  
 por úteros no prego dos cachos sem flores,  
 por proxenetas próstatas de outras vizinhas,  
 ou por desesperanças dos desenganados,  
 conduzem promissórias, anticonceptivos,  
 calvos livros de cheques e de agiotagem,  
 esses lunfas políticos que em manhãs — outras  
 que aquelas já havidas, as manhãs do Sol —  
 saem, quais ratazanas pelo ouro nutridas,  
 apodrecendo o podre, nutrindo o cadáver.

Se Caim matou Abel e em renovado crime  
 Abel espera o dia de novamente ser  
 assassinado em cunha de rota bandeira,  
 que inveja paira em Tróia ou em outro nome qualquer  
 da terra podre e azul de água e cotonícios?

Mutiladas manhãs expõem-se nas vitrinas  
 de sapatos humanos mendigando pés,  
 de vestidos humanos mendigando peitos,  
 de saias humanas mendigando sexos.

Esta é Tróia!, o vigésimo século em Tróia,  
 blasfemam as fanfarras de súbito mudas  
 nos ouvidos mareando a pancada da Terra.

Garoto/a 2 (Poema 4) – CHOQUE ANAFILÁTICO 11

**Procuro em São Luís, como se ouro procurasse,**  
**como se procurasse o útero de menino nenhum,**  
**ou o cinema de Éden chamado, enquanto o houver,**  
**ou o sobrado dos pais a não me chamarem hoje,**  
**morto o pai na descida de um Cabo Submarino,**  
**não o que passou e jamais nem aos sonhos voltará**

no cadáver pedindo a camisa de outros mares.  
Procuro em São Luís, como se ouro procurasse,  
um catarço somente, um catarço qualquer,  
para os pés remendarme e cobrir-me os sapatos.  
Talvez Jerusalém possa dar-me, só Ela, esse catarço.  
Em São Luís, sei agora (ou sempre o soube?), esse catarço  
Não existirá jamais para os meus pés nos sapatos,  
para os meus pés que amanhã se enterrarão sem catarços.

TODOS – FASTÍGIO (3<sup>a</sup> E 4<sup>a</sup> ESTROFE)

Esta paisagem é outra: é ferro-gume  
de bastardos navios sem cardumes,  
de aventura miúda à fé capenga  
de quem se apalpa calvo ao próprio escuro.

São tantos os esquifes pelas noites  
Carregados por mãos que se comprimem  
Sobre talheres, garfos e lembranças  
Contra uma solitária alma qualquer.

FIM

## ANEXO B – IMAGENS DO PROCESSO

Foto 1 - Exercício com máscara neutra



Fonte: Abel Lopes (2016)

Foto 2 - Exercício com máscara neutra



Fonte: Abel Lopes (2016)

Foto 3 - Exercício Caminhada no Espaço



Fonte: Abel Lopes (2016)

Foto 4 - Exercício de improvisação



Fonte: Abel Lopes (2016)

Foto 5 - Exercício de Alongamento



Fonte: Abel Lopes (2016)

Foto 6 - Uma parte dos alunos do projeto



Fonte: Abel Lopes (2016)

Foto 7 - Micro cena I Empreendedora Catarina Mina, Tibúcio, Cambão, Antero e Catarina escrava



Fonte: Valdeir Lima verde (2016)

Foto 8 - Micro cena I Catarina escrava dando ordens



Fonte: Valdeir Lima Verde (2016)

Foto9 - Micro cena I Catarina Mina, Desembargador Joaquim Barrado, Dr. Ricardo Jauffret e ao fundo Catarina escrava



Fonte: Valdeir Lima Verde (2016)

Foto 10 - Micro cena I Coroinha chamando Catarina Mina para missa.



Fonte: Valdeir Lima verde (2016)

Foto 11- Micro Cena II A Pensão da Chicó. Mocinha e o mascate chegando a pensão



Fonte: Valdeir Lima Verde (2016)

Foto12 - Micro cena II Mocinha cumprimentando madame Chicó, observada pelo Mascate



Fonte: Valdeir Lima Verde (2016)

Foto13 - Micro cena II Mocinha a procura de um lugar para se hospedar



Fonte: Valdeir Lima Verde (2016)

Foto 14 - Micro cena II Elenco fazendo os agradecimentos



Fonte: Valdeir Lima Verde (2016)